

OS DESAFIOS DO ENSINO NOTURNO: REVISÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Luana Gobbi Franke ¹
Paula Rieth da Oliveira Huf ²
Francisco dos Santos Kieling ³

RESUMO

Neste relato narramos uma experiência formativa do PIBID em Ciências Sociais, da UFPel, com o objetivo de explicitar a importância da contextualização da prática pedagógica ao perfil da turma. Nosso trabalho foi realizado numa turma de 1º ano no Ensino Médio noturno, no Colégio Estadual Félix da Cunha. No início do ano, pretendíamos seguir o plano de ensino, reaplicado no diurno e noturno, desconsiderando o contexto de cada turma. As primeiras ações foram organizadas de um modo tradicional, com a problematização teórica, exemplificações com base na bibliografia acadêmica e questionamentos sobre o assunto. Logo percebemos a ausência de engajamento nas aulas, o que exigiu um ajuste na estratégia de trabalho. Nosso primeiro desafio passou a ser a construção de uma relação de respeito com a turma, para depois, avançar com o conteúdo sociológico. Sendo assim, abdicamos do plano inicial e pensamos em ações que contribuíssem com a aproximação ao contexto dos alunos e de seus interesses, para, a partir de então, abordar o conteúdo sociológico de modo significativo. O trabalho com filme e música foi relevante para aproximar o ensino aos interesses da turma; e a construção de jogos didáticos colaborou com o desenvolvimento do conteúdo. Preconceitos de cor, de raça; fragilidade nos suportes sociais e familiares, dificuldades escolares – todos esses elementos passaram a trajetória dos estudantes e fizeram repensar o nosso lugar na escola, percebendo a docência de um modo novo. O caminho percorrido se mostrou relevante à experiência dos bolsistas ao favorecer a reflexão sobre sua própria prática docente, sobre os desafios da sala de aula e, como futuros docentes, projetar suas práticas docentes para que essas façam sentido aos estudantes. Em relação aos alunos percebemos um maior engajamento nas ações propostas e disposição para a compreensão as próprias vivências a partir dos elementos sociológicos.

Palavras-chave: Ensino Médio Noturno, Prática Pedagógica, Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência tem em vista refletir os desafios da educação noturna, qual foi necessária uma revisão da prática pedagógica além de quaisquer conteúdos programáticos, considerando o contexto social do alunado e práticas necessárias de reflexão

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, luanagfranke@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, prohuf23@gmail.com

³ Coordenador de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, chico.lpdufpel@gmail.com;



para o combate do desinteresse, infrequência e evasão, devido a problemáticas estruturais societal, infraestrutura e o fazer docente, procurando soluções.

O diagnóstico da turma e aplicação de diversas atividades pedagógicas qual promoveram a refletir sobre tais problemáticas foram desenvolvidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma turma de primeiro ano do ensino médio noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, em Pelotas/RS, no componente curricular de Sociologia. Sendo assim, identificados uma turma majoritariamente negra, de classe periférica, com alunos em sua maioria adolescentes e alguns de idade mais avançada. Este primeiro cenário de diagnóstico socioeconômico, inicialmente realizado por um formulário online, posteriormente em contato com a turma, nos trouxe métodos para refletir sobre o contexto dos alunos, além de, tentar descobrir em roda de conversa os seus interesses, como por exemplo, um gosto geral por filmes de terror, neste primeiro contato não tínhamos a noção de que esta simples informação mudaria totalmente a nossa rota e experiência pedagógica posteriormente.

Desta forma, ao iniciar as atividades do projeto na escola, tinha como programático seguir o plano de ensino, qual é reaplicado do turno do diurno ao turno noturno, sem considerar o contexto de realidade social por si só no documento, onde há alunos trabalhadores e não-trabalhadores que por diversas motivações procuram na escola o senso de utilidade prática ao dia-a-dia em suas realidades, se tornou desafio para os bolsistas realizar o diagnóstico da turma para compreenderem a complexidade do contexto social de cada aluno e propor transposições didáticas através do conteúdo repassado pelo professor supervisor através do plano ensino.

O presente relato de experiência serve como uma voz para reflexão da prática pedagógica, não somente aos alunos do Ensino Médio Noturno, mas especialmente tal público, por sua diversidade de contextos e cuidados quais são necessários se atentar para que, diante uma educação precarizada por aplicação dos conteúdos do diurno ao noturno sem revisão, mas a precarização da jornada do professor que cumpre até o terceiro turno, onde toda uma estrutura reduzi as singularidades e especificidades deste alunado, ao pó e ao descaso, muitas vezes vistos como “problemáticos”, desta forma, é de exímia contundência analisar os caminhos necessários para que haja ao menos, não somente alguma excelência da turma, mas para que a educação seja libertadora, é preciso antes, se conectar.



METODOLOGIA

No entanto, as primeiras transposições didáticas repassadas em um modelo tradicional pedagógico de aula, demonstrou os reflexos da problemática estrutural do ensino noturno, não havendo engajamento nas aulas, aderência dos alunos, resultando na dificuldade de aproximação e a seguinte reflexão: Há uma dificuldade e resistência do alunado para este tipo de educação tradicional, que tipos de estratégias possam ser desenvolvidas diante a prática docente para contornar estes desafios, se aproximar dos alunos, e para que haja sentido o conteúdo da Sociologia para a vida destes alunos considerando sua realidade social? Sendo assim, foi necessário abdicar do plano de ensino e se pensar novas formas que provocasse a atenção dos alunos de acordo com suas demandas, em uma estratégia montada para até o final do ano letivo, com dois primeiros objetivos:

Aproximação do contexto social dos alunos, seus interesses, sendo desenvolvidas duas práticas: a utilização de recurso didático midiático, em um primeiro momento, em sala de aula, se utilizou o espaço da escola para assistir um filme que desbravava questões sociais como o racismo e divisões de classe, visto que em primeiro diagnóstico, a turma é majoritariamente negra e marcada pela interseccionalidade, em um segundo momento, dialogando com os alunos demonstrando atenção e escuta por seus interesses, auxiliando para uma atividade onde os alunos trouxeram músicas que refletiam suas realidades, e desta forma, sendo analisadas de forma sociológica em aula pelos bolsistas, explicando os porquês de tais fenômenos vividos no dia-a-dia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Por esta via, apesar de diversas tentativas de seguir com o plano de ensino, tentando adaptar as aulas mas que não deixavam de ser conteúdistas, e mesmo com propostas de diferentes dinâmicas para a turma para que houvesse engajamento, era como nós, como grupo, não existíssemos e muito menos agradássemos, para o alunado, parecia não haver sentido o nosso trabalho, tal qual fosse mais “uma obrigação da escola”, não havia relação pois possuíamos uma barreira em nossa frente, e dentro disto, a falta de conexão e o sentido da comunicação eram inertes, mas, mais além, ao tentar ir conhecendo um pouco sobre aquela turma em conversas com a diretoria, a resposta que tivemos era que “aquela turma é assim mesmo, não tem jeito”.



Com isto, se reuníamos para tentar discutir e refletir sobre os perfis dos alunos, o porquê da dificuldade de realizarmos qualquer proposta vinculada a Sociologia, deste modo, em grupo, compreendemos que, aqueles alunos estão lá como se tivessem sido abandonados, não sentindo um senso de pertencimento real e muito menos conseguindo ver a articulação da educação em qualquer área disciplinar para a própria vida, a questão que se apresentou foi uma questão de identidade, compreensão, mas de falta de sentido, vínculo, pertencimento, voz. A partir deste momento que concluímos – teremos que abandonar a Sociologia.

“A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo.” (FREIRE, 1987, p. 44-45)

Desta forma, se referenciamos plenamente nas obras de Paulo Freire qual fazem parte da nossa formação, e que, para que fosse possível criar uma educação relacional em sala de aula, teríamos que nos relacionar de fato com estes alunos, assim foi constatado a lembrança do primeiro diagnóstico, relembrando os seus interesses e o gosto daquela turma por filmes de terror, para assim pensarmos em propor uma nova atividade com eles, de simplesmente, virem a escola, com nossa companhia, assistir um filme de terror.

Foi escolhido o filme ‘Pecadores’ de Ryan Coogler, (2025), ambientado no Mississippi dos anos 1930, é um thriller de terror sobrenatural que segue a história de irmãos gêmeos que voltam à sua cidade natal para abrir um bar de blues. Lá, eles enfrentam vampiros e um cenário racista, servindo como uma metáfora para os traumas históricos, o racismo e a força da comunidade negra. A escolha não foi meramente por acaso, mas que houvesse algum tipo de identificação da turma articulado com o gênero de filme que mais gostavam com algumas problemáticas sociais, no entanto, focamos apenas em apresentar o filme com o auxílio do projetor. Para que este momento fosse algo divertido, que nos aproximasse, preparamos pipoca, bolo e trouxemos refrigerante para os alunos, para que se sentissem confortáveis, como em uma sessão cinema.

O pós-filme se tornou um divisor de águas, perguntamos as impressões dos alunos e houve uma participação que não esperávamos, por já estarmos “desiludidas”, entretanto



esperançosas, obtivemos um bom feedback da turma, inclusive proporcionando momentos em que a turma começou de fato se tornarem mais receptivos, desabafarem sobre seus dilemas conosco. Depois deste resultado, não poderíamos considerar ainda voltar ao método tradicional que vínhamos trabalhando, pensamos em explorar mais ainda sobre os alunos, e ao invés de tratar a temática racial que o filme aborda qual seria um bom gancho, resolvemos trabalhar com outro elemento que está presente no filme e poderia ser utilizado de recurso: a música.

Por conseguinte, realizamos uma dinâmica, elucidando sobre a origem negra do Blues e de outros gêneros musicais como forma de resistência, demonstrando pedagogicamente o surgimento do rap brasileiro como equivalente, explanando suas raízes, qual narram o dia a dia da periferia, expondo o conflito racial e social, para que, instigando um debate, e posteriormente, instigando os alunos para que trouxessem na próxima aula músicas que gostavam e se identificassem, que falasse sobre as suas próprias vivências e sentimentos. Feito isto, os alunos explanaram suas músicas perante a turma, analisamos as letras, refletimos e discutimos a respeito, então, quando os alunos começaram tanto a se empolgar quanto a principalmente, se emocionarem ao contar sobre, foi que sentimos a firmeza que tínhamos conseguido, finalmente, resgatar a socialização destes alunos enquanto turma, conosco, construído uma relação com dignidade, respeito, e a sensação de pertencimento para eles, quais sentiram que estavam sendo ouvidos, e assim, quebrado a barreira que nos impedia, e assim, poder construir as próximas práticas pedagógicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do momento em que tais estratégias de aproximação se deram como positivas resultando em maior engajamento, foi pensando para cumprir o segundo objetivo: 2) tentar trazer o conteúdo de Sociologia, com foco na estratificação social, além de qualquer transmissão de conhecimento, realizar um vínculo com a realidade dos estudantes, para que enfim, pudesse haver uma discussão onde fosse desenvolvido a capacidade crítica dos alunos sob suas próprias realidades. Para cumprir o segundo objetivo, foram pensados diferentes recursos pedagógicos a serem utilizados e novas formas de transposição didática, para que não ocorresse o corte do vínculo construído e de maneira interativa.



A partir que a estratégia foi montada em reuniões dentro e fora do campus da UFPel, a elaboração se deu a partir de três aulas programáticas: A elaboração de um cartaz conjunto com os alunos visando os próprios sonhos de consumo e formas de adquir-los, qual obtivemos resultados interessantes, alguns conseguiram enxergar o caminho da educação para a ascensão social, outros, pelo próprio negócio, mas visavam pelo simples, uma casa para morar, um carro, família e mais. Posteriormente, o passo foi realizar uma aula expositiva-dialogada a respeito do que é a estratificação social, demonstrando que a partir das classes a ascensão se torna dificultosa perante o sistema capitalista, no entanto, com caminhos através da educação, desmistificando o mito da meritocracia, para que assim, os sonhos de cada aluno fossem possíveis. Desta forma, em um terceiro momento, houve a elaboração de atividade pedagógica que demonstrasse de forma visual e espacial a estratificação social, através de cartas desenvolvidas pelos bolsistas com perfis sociais heterogêneos, marcados pelas interseccionalidade, permitindo quem poderia avançar no “jogo’ ou não, sendo a mesma aplicada em espaços mais amplos da escola, para que fosse visto e compreendido, que mesmo que partindo de um mesmo ponto, há condições sociais quais determinam e dificultam a ascensão social, como também, podem facilitar. Os alunos conseguiram visualizar os privilégios e desvantagens que cada questão econômica, social e racial podem influenciar na trajetória, os conduzindo para um certo “choque de realidades”, onde a diferença de cada contexto importa perante o sistema vigente e a estrutura da sociedade que vivenciamos, no entanto, foi possível dialogar com os alunos os caminhos, levando em consideração os seus sonhos de consumo da primeira dinâmica dos cartazes, realizando assim, um fechamento.

Todas estas atividades, contudo, possui caráter de compreensão real do contexto dos alunos do ensino noturno, mas além, a prática emancipatória, o desenvolvimento do pensamento crítico atravessando os desafios da educação noturna, dialogando com suas inquietações e problematizando a realidade social destes alunos de forma crítica-reflexiva, além da pedagogia tradicional qual pode ser condicionante a perpetuação das desigualdades ao aluno do período noturno. Tal atividade só foi possível ser realizada e obteve bons resultados de participação e compreensão do alunado através do momento em que tivemos que temporariamente abandonar a Sociologia, para que, fosse possível fazer sentido e se aproximar de suas próprias vivências e sonhos, a teoria sociológica, mas além de quaisquer teorias, conteúdo ou transposição, o que houve de fato impacto, foi o vínculo construído



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, o caminho percorrido se demonstrou de extrema contundência aos bolsistas em sua experiência, ao refletir sobre sua própria prática docente, encarando os desafios da sala de aula, e como futuros docentes, repensar as práticas docentes para que faça sentido ao contexto dos estudantes e as diversas formas de aplicar a Sociologia, especialmente, para o Ensino Médio noturno. Em relação aos alunos, o resultado se deu como positivo, a partir do momento em que houve uma mudança de postura, se constatou um aumento de engajamento da turma e do debate coletivo, havendo maior disposição para a compreensão dos elementos sociológicos para as próprias vivências, através de metodologias ativas, de uma educação libertadora, quebrando enfim, as correntes que distanciavam o aluno ao professor, à escola, a Sociologia, e, principalmente, a educação.

No entanto, é compreensível que tal ação só foi possível ser realizada através do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), onde nossas reuniões tinham como principal enfoque e debate apenas aquela turma, sendo possível realizar um trabalho cauteloso diante a problemática que se apresentava diante a nós como grupo e orientação. Por toda via, alguns questionamentos se perduraram, até mesmo para temáticas de pesquisas futuras, como: Quem de fato são aqueles alunos? Como a estrutura da educação noturna está articulada (ou não está?) para atender as demandas dos alunos, sendo a maioria trabalhadores, além da exaustiva carga e culpabilização direcionada ao docente quais muitas vezes atendem três turnos de serviço? Como é possível desta forma realizar um ensino de qualidade, com teor libertador reflexivo-crítico? A teoria pedagógica é de fato um alicerce para algumas respostas, e por nossa experiência, foi possível uma transmutação da turma seguindo uma prática relacional freiriana, no entanto, em prática diante ao cenário da educação brasileira atribuído apenas ao professor sem a rede de apoio necessária, se torna um dilema, qual perpassamos.

Sendo assim, é essencial que a escuta ativa esteja presente, nem que nos mínimos detalhes que sejam possíveis de exercer.

“Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.”
(FREIRE, 1996, p. 53)



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1987. p. 44-45.

